



ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

ECPC

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionar, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Unidade Agroalimentar e Licenciamento

DADR – Divisão Agroalimentar e
Desenvolvimento Rural

Quinta das Oliveiras, E.N.3 – 2000-471 Santarém

Telefone: 243 377 500

geral@ccdr-lvt.pt

www.ccdr-lvt.pt



OUTUBRO 2024



Estado do tempo e influência na agricultura em geral

No **Oeste** a temperatura máxima variou entre 27,2°C, registados na estação meteorológica do IPMA de Santa Cruz (Aeródromo) e 17,4°C, registados na estação de Torres Vedras/Dois Portos. O valor médio de temperatura máxima situou-se em 22,5°C. Os valores mais elevados de temperatura máxima foram registados no dia 23 e os valores mais baixos no dia 26. O valor médio da temperatura máxima situou-se ligeiramente acima da média para a época (cerca de mais 0,5°C), considerando os registos da estação de Alcobça para o período 1971-2000. A temperatura mínima variou entre 20,8°C, registados na estação de Torres Vedras/Dois Portos e 6,4°C, registados em ambas as estações de Torres Vedras/Dois Portos e de Alcobça. O valor médio da temperatura mínima situou-se em 14,4°C. Os valores mais elevados de temperatura mínima foram registados no dia 6 e os valores mais baixos no dia 28. O valor médio da temperatura mínima situou-se bastante acima da média para a época (cerca de mais 3°C), considerando os registos da estação de Alcobça para o período 1971-2000. Os registos de temperaturas máximas e mínimas apresentaram uma tendência muito semelhante nas três estações ao longo do mês. Nas temperaturas máximas verificou-se alguma estabilidade nas três primeiras semanas e uma descida na última semana, sendo muito próximos os valores nas três estações. Nas temperaturas mínimas verificou-se uma tendência de descida ao longo do mês, tendo sido registados os valores mais baixos na estação de Alcobça.

Em termos de precipitação, o mês apresentou-se chuvoso. Na estação de Torres Vedras/Dois Portos registaram-se vinte e quatro dias com precipitação e um valor acumulado de 82,1mm, tendo ocorrido no dia 15 o registo mais significativo com 17,2mm.



Na estação de Alcobaça registaram-se vinte e dois dias com precipitação e um valor acumulado de 158,6mm, tendo ocorrido no dia 26 o registo mais significativo com 29,9mm. Na estação de Santa Cruz (Aeródromo) registaram-se dezassete dias com precipitação e um valor acumulado de 97,8mm, tendo ocorrido no dia 7 o registo mais significativo com 31,0mm. A precipitação acumulada no mês situou-se acima da média para a época (cerca de 17,6mm), considerando os registos da estação de Alcobaça para o período 1971-2000.

Devido à precipitação ocorrida, registava-se no final do mês uma recuperação dos níveis de água no solo face ao mês anterior, embora com alguma diversidade. Em 31 de outubro a percentagem de água no solo no Alto Oeste situava-se nos índices de capacidade de campo CC [61-80] e CC [41-60], além de duas pequenas áreas no índice CC [81-99] implantadas nos concelhos de Alcobaça, Caldas da Rainha e Óbidos. No Baixo Oeste a percentagem de água no solo era inferior, situando-se nos índices CC [41-60] e CC [21-40].

A humidade relativa do ar apresentou valores máximos persistentemente superiores a 95% nas três estações. O valor mínimo foi de 43%, registado na estação de Alcobaça no dia 28. De acordo com os registos das estações, o valor médio da humidade relativa do ar foi de 88% em Torres Vedras/Dois Portos, 84% em Alcobaça e 89% em Santa Cruz (Aeródromo).

Ao longo do mês predominaram os dias de céu muito nublado, com períodos de chuva ou aguaceiros, pontualmente acompanhados de trovoadas e por alguns dias com ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais.

O mês apresentou-se menos ventoso do que o anterior. Foram registados dez dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos com rajadas superiores a 40km/h, dois dias na estação de Alcobaça e doze dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As rajadas máximas, de 73,8km/h e 73,4km/h, foram registadas nos dias 9 e 16 na estação de Torres Vedras/Dois Portos e na estação de Santa Cruz (Aeródromo).

No final do mês era boa a disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais, não obstante tratar-se de uma época do ano com menor necessidade de rega, por já terem sido realizadas as colheitas das principais culturas.

A influência do tempo não foi significativa na cultura da vinha para vinho uma vez que a vindima se encontrava concluída nos primeiros dias do mês. Na produção de uva de mesa a precipitação provocou perdas nas variedades mais tardias, uma vez que a colheita decorreu até à terceira semana do mês. Nas pomóideas, com as peras já colhidas e as maçãs em colheita das variedades mais tardias, o estado do tempo não afetou a produção. No entanto, as condições meteorológicas de temperatura e humidade foram muito favoráveis ao desenvolvimento do fogo bacteriano. No olival a precipitação provocou algum atraso na colheita e perdas de produção devido à queda de azeitona madura. Nas culturas do milho e do arroz, devido à precipitação houve algum atraso nas colheitas. No arroz não se verificou a acama das searas que tanto se receava, pelo efeito negativo na qualidade e no rendimento industrial da produção. Nas hortícolas de ar livre, para as brássicas as condições atmosféricas de temperatura amena e humidade elevada, foram favoráveis. Já para as cenouras foi menos favorável, uma vez que as temperaturas amenas e a humidade excessiva no solo, promoveram o desenvolvimento de podridão nas raízes das plantas, de evolução muito rápida no pós-colheita provocando perdas consideráveis.



Nas hortícolas em estufa, nos dias de maior precipitação as temperaturas mantiveram-se elevadas e sem oportunidade de proceder ao arejamento necessário através de abertura de janelas. Contudo, as produções decorreram com a regularidade habitual.

No **Médio Tejo** as condições climatéricas caracterizaram-se por uma menor variabilidade das amplitudes térmicas ao longo do mês, precipitação frequente, descida das temperaturas mínima e máxima e subida da humidade relativa média.

Registaram-se valores de temperatura máxima mais altos na primeira semana do mês, de 29,1°C e 30,4°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes, verificando-se ao longo do mês a descida da temperatura máxima e o registo dos valores mais baixos na última semana, de 18,4°C e 19,5°C, respetivamente. As temperaturas mínimas apresentaram a mesma tendência decrescente ao longo do mês, registando-se os valores mais baixos na última semana, no dia 26 em ambas as estações meteorológicas, de 5,2°C e 4,7°C.

Na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas registaram-se vinte e dois dias com precipitação, com valor de 130,7mm de precipitação acumulada, tendo sido registado no dia 12 o valor mais significativo de 22,4mm. Na estação de Alvega/Abrantes registaram-se dezoito dias com precipitação, com valor de 176,8mm de precipitação acumulada, muito acima do normal para a época (81,6mm), registando-se no dia 12 um valor muito significativo de 71,9mm.

No final do mês o teor de água no solo a norte da região (concelhos de Ourém, Alvaiázere Ferreira do Zêzere, Tomar e Sardoal) situou-se maioritariamente no intervalo CC [61-80]. Na zona sul da região que abrange parte dos concelhos de Abrantes, Constância, Vila Nova da Barquinha, Entroncamento, Torres Novas e parte de Alcanena, verificaram-se índices de água no solo situados maioritariamente no intervalo CC [41-60] e algumas áreas localizadas nos concelhos de Abrantes e Constância situadas no intervalo CC [21-40].

A humidade relativa registada na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas oscilou entre 69% e 90%, sendo a média do mês de 83% e na estação meteorológica de Alvega/Abrantes oscilou entre 70% e 92%, sendo a média do mês de 84%.

Durante o mês os dias decorreram na generalidade com o céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade.

O vento soprou em geral fraco ou moderado na região. Verificaram-se, no entanto, alguns dias com vento moderado a forte, com rajadas máximas registadas no dia 12, em ambas as estações meteorológicas, respetivamente de 55,8km/h e 54km/h.

Durante este mês não foram sinalizadas situações de escassez no que respeita à disponibilidade de água quer para rega quer para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, no que respeita ao olival a elevada precipitação ocorrida dificultou o início da colheita, assim como, contribuiu para o aumento do teor de água na azeitona, causando rendimentos mais baixos no processo inicial de extração de azeite. No que respeita às culturas forrageiras anuais, face à precipitação frequente ocorrida, verificou-se o atraso das sementeiras, encontrando-se no final do mês ainda por semear cerca de metade das áreas previstas. Relativamente às pastagens permanentes de sequeiro e regadio, estiveram reunidas as condições



climatéricas outonais apropriadas para um bom crescimento das plantas, verificando-se uma rebentação vegetativa com muito vigor. Na cultura de milho grão, as chuvas frequentes ocorridas ao longo do mês, atrasaram e dificultaram a colheita, contribuindo ainda para o aumento do teor de humidade do grão.

Na **Lezíria do Tejo** a média da temperatura média diária no mês foi de 18,5°C, variando entre 13°C no dia 26 e 21,9°C no dia 5. A média das temperaturas máximas foi de 24,1°C. A temperatura máxima mais baixa registada foi 18,1°C no dia 13. O valor mais elevado de temperatura máxima, de 29,8°C, foi registado no dia 14. A média da temperatura mínima situou-se em 14,7°C, apresentando o valor mais baixo de 9,1°C no dia 13 e o mais elevado, de 20°C, no dia 6.

Registaram-se alguns dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 83,1mm, sendo nos dias 7 e 11 os registos mais significativos com 17,9mm e 18,9mm, respetivamente.

No final do mês o teor de água no solo situou-se maioritariamente no intervalo CC [21-40], verificando-se, no entanto, nas áreas que abrangem os concelhos de Santarém e Rio Maior, índices de água no solo situados no intervalo CC [41-60].

A humidade relativa oscilou entre 66% e 93%, com uma média de 82,1%.

O vento soprou em geral moderado, com maior intensidade nos dias 9 e 16, registando-se a rajada máxima de 67,7km/h no dia 9.

No **Baixo Sorraia** a média da temperatura média diária no mês foi de 18,4°C, variando entre 12,2°C no dia 26 e 22,3°C no dia 5. A temperatura máxima mais baixa registada foi 18,5°C no dia 26, sendo o dia 14 o mais quente do mês com 28,7°C. A média das temperaturas máximas foi de 24,4°C. Relativamente à temperatura mínima, registou-se o valor médio de 13,2°C. No dia 26 a temperatura mínima mais baixa foi de 6°C, verificando-se no dia 6 o valor de 20,5°C, de temperatura mínima mais elevada.

Registaram-se alguns dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 144,5mm, sendo o dia 15 o registo mais significativo com 74,3mm.

No final do mês o teor de água no solo situou-se maioritariamente no intervalo CC [41-60].

A humidade relativa oscilou entre 73% e 97%, com uma média de 86,6%.

O vento soprou em geral moderado, registando-se no dia 9 a rajada máxima de 61,9km/h.

Quanto à influência do estado do tempo sobre as diferentes culturas verificou-se diminuição de produção e qualidade, devido às chuvas ocorridas durante o mês.

Na **Grande Lisboa** as temperaturas máximas assinalaram oscilações relativamente à média (22,1°C), tendo sido registados os valores mais elevados nos dias 13 e 23 com 25,8°C e 26,6°C, respetivamente. No que respeita à temperatura mínima (com valor normal para a época de 14,6°C), esta esteve muito elevada, entre 20,1°C no dia 2 e 16,5°C no dia 23, ocorrendo uma descida brusca na última semana, altura em que se registou a temperatura mais baixa no dia 26 com 11,4°C.



Neste mês foram registados 79mm de precipitação acumulada na estação meteorológica de Lisboa, com ocorrência de precipitação com maior intensidade nos dias 7 (12,2mm) e 11 (18,8mm).

No decorrer do mês os valores do teor de água no solo oscilaram nos diferentes concelhos, com os níveis de saturação no índice CC [21-40] em Vila Franca de Xira, CC [41-60] em Mafra e Sintra e CC [61-80] em Cascais.

Na estação meteorológica de Lisboa a humidade relativa média oscilou entre 61% e 93%, sendo a média no mês de 79%.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por nebulosidade matinal.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado, soprando por vezes forte com rajadas até 40km/h nos dias 15, 16, 21 e 22.

Não se registaram faltas de água para a rega nem para o abeberamento de animais.

A cultura do milho foi a mais afetada pela elevada humidade e vento, atípicos para esta altura do ano.

Na **Península de Setúbal** verificou-se uma tendência decrescente nos valores da temperatura máxima ao longo do mês, com a ocorrência de picos de temperatura, mais elevada nos dias 13, 14 e 23. Foi registado o valor mais elevado de 29,7°C no dia 23 na estação de Alcochete/Campo de Tiro e o valor mínimo de 19,2°C no dia 25 na estação de Pegões. As temperaturas médias registaram também uma tendência decrescente ao longo do mês e em geral com valores acima do normal para a época, ocorrendo a partir do dia 25 o decréscimo destes valores (exceção para o dia 29, com temperatura mais elevada). Os valores da temperatura mínima registaram também uma tendência decrescente ao longo do mês. Foi registado o valor mais elevado de 20,4°C no dia 2 na estação de Alcochete/Campo de Tiro e o valor mais baixo de 7,1°C no dia 28 também nesta estação.

O mês decorreu chuvoso na região, registando-se vinte e três dias com precipitação, que ocorreu essencialmente entre os dias 7 e 16, tendo sido registado o valor mais elevado na estação de Pegões, com o total mensal de 112,2mm, o que corresponde a cerca de 138% do normal para a época na região. Nas estações de Setúbal e de Alcochete/Campo de Tiro os valores de precipitação total mensal foram de 102,3mm e 108,0mm, respetivamente. O valor diário mais elevado ocorreu na estação de Setúbal, com 64,5mm no dia 15.

A precipitação ocorrida ao longo do mês permitiu em toda a região um aumento significativo do teor de água no solo relativamente ao mês anterior. No final do mês a maior parte das áreas registavam o índice CC [21-40]. Nas regiões mais interiores, nomeadamente em áreas dos concelhos de Palmela a Alcochete, situavam-se no índice CC [11-20].

A humidade relativa média oscilou entre 70% e 96% na estação meteorológica de Alcochete/Campo de Tiro (de acordo com os dados disponíveis), 78% e 100% na estação meteorológica de Pegões e 62% e 94% na estação meteorológica de Setúbal, sendo a média no mês de respetivamente 84% (de acordo com os dados disponíveis), 93% e 83% nas três estações.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado, sendo por vezes com menor nebulosidade no período da tarde. No final do mês registaram-se dias de céu pouco nublado ou limpo, bem como períodos de nevoeiro matinal.



O vento soprou em geral fraco a moderado (até 30 km/h). Nos dias 8 e 9 ocorreu vento forte, com registo de rajada máxima no dia 9, sendo de 56,5km/h na estação de Alcochete/Campo de Tiro (de acordo com os dados disponíveis), de 59,8km/h na estação de Pegões e de 50,0km/h na de Setúbal.

Durante o mês não se verificaram situações de escassez na disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

A precipitação ocorrida ao longo deste mês permitiu recuperação dos níveis de água no solo.

A conjugação do elevado teor de água no solo com as temperaturas amenas e acima do normal para a época que se verificaram principalmente até dia 24, permitiram a germinação e crescimento da vegetação natural, visível na generalidade da região.

No entanto, as situações extremas de encharcamento dos solos condicionaram determinadas operações culturais, nomeadamente a colheita do milho e a ceifa do arroz.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas (vinho) a seguir à vindima, que ficou concluída no início do mês, foram realizados tratamentos pós-colheita com adubação foliar para nutrição das videiras e outras pulverizações para eliminação de possíveis focos de fungos que tenham permanecido.

Nas vinhas (uva de mesa), a colheita realizou-se até à terceira semana do mês, sem incidência significativa de pragas ou doenças.

Nas pomóideas, devido às condições atmosféricas favoráveis de temperaturas amenas e humidade, continuou a verificar-se incidência do fogo bacteriano, principalmente em pomares de pereiras, levando à realização de limpezas do material vegetativo com sintomas da doença, por vezes severas nas áreas mais afetadas, com diminuição da área produtiva. Nos pomares de pereiras e macieiras, previamente ao início do repouso vegetativo, foram ainda realizadas adubações e tratamentos preventivos do desenvolvimento de doenças, com aplicação de produtos à base de cobre.

No olival a mosca da azeitona (*Bactrocera oleae* Gmel) esteve presente com intensidade, durante o ciclo da cultura até à colheita, causando muita queda de azeitona e prejuízos significativos na produção. O controlo da praga revelou-se difícil.

Na cultura do milho não ocorreram problemas fitossanitários relevantes. No entanto, foram identificadas perdas de produção por estragos causados pela presença de javalis em algumas searas, com maior significado em zonas mais afastadas da orla marítima.

Na cultura do arroz, que se encontrava em colheita no final do mês, não se verificaram problemas fitossanitários relevantes.



Nas hortícolas de ar livre ocorreram ataques de lagarta (*Helicoverpa armigera*) e de afídeos nas brássicas. Estas pragas têm marcado presença nestas culturas de forma mais persistente nos últimos anos, tornando-se atualmente pragas chave que exigem tratamentos frequentes. O combate dos afídeos tem-se revelado difícil devido à retirada de substâncias do mercado, sendo pouco eficazes as atualmente autorizadas. Devido à humidade, também surgiram bactérias nas brássicas e nas cenouras.

Nas hortícolas em estufa foram identificados no tomate focos de *Tuta absoluta* e de mosca branca, de intensidade média/alta, bem como problemas de podridão cinzenta, de baixa intensidade. Houve necessidade de realizar tratamentos que se revelaram eficazes, sem prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos olivais continuaram a manifestar-se ataques de mosca da azeitona, com intensidade média. No final do mês foi ainda identificada a presença de gafa, em especial na variedade Galega, com alguma intensidade. Estas ocorrências na fase da colheita têm provocado uma diminuição significativa da qualidade da azeitona.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Não houve incidências a relatar nas diversas culturas.

Grande Lisboa

No milho de regadio os ataques de lagarta e de cicadélídeos estiveram presentes, mas controlados.

No arroz as infestações de milhãs (*Echinochloa*) e a incidência de fungo do arroz (*Pyricularia grisea*) apesar de existentes consideraram-se controladas, resultado dos tratamentos efetuados em meses anteriores.

No tomate para indústria em final de colheita destacaram-se focos de *Tuta absoluta*, difícil de controlar. Também se assinalou em algumas áreas a presença de ácaros bem como de mosca branca.

A presença de javalis nas searas, sobretudo de milho e girassol, é já considerada uma praga preocupante, cuja destruição das plantas por espezinhamento foi consideravelmente nefasta.

Península de Setúbal

Na vinha (vinho), conforme referido em relatórios anteriores, os estragos provocados por ataques de míldio foram muito elevados, com conseqüente quebra na produção. A incidência da lagarta *Cryptoblabes gnidiella* provocou grandes estragos, essencialmente nas castas tintas, por ataque em todo o cacho, com conseqüência no menor peso obtido. Também se verificou uma menor nascença de cachos, logo, menor produção. Os ataques de cigarrinha verde foram mais tardios que os verificados em anos anteriores, com maior incidência em agosto e setembro.



No milho de regadio, a incidência de fungos, com consequências em podridões no pé da planta, aliada ao vento, propiciaram a acama das plantas. O vírus MRDV com significativa incidência na região, potenciou plantas ananizantes. Com o ataque na fase inicial do crescimento, a planta não chega a criar espiga e, na fase final, a maçaroca não atinge a dimensão esperada. Ambas as situações ocorreram e tiveram consequências na quebra de produção da cultura.

No arroz não ocorreram grandes problemas, sendo de salientar a grande quantidade de infestantes na seara.

No tomate para indústria, conforme referido em relatórios anteriores, ocorreram problemas de míldio, ácaros e *Tuta absoluta*, com consequências no decréscimo de produção nas zonas de maior intensidade de ataques, bem como numa menor qualidade do tomate colhido.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste** as pastagens são de sequeiro e em geral espontâneas, pontualmente melhoradas. Devido às condições climáticas de temperaturas amenas e precipitação, ao longo do mês aumentou a disponibilidade de matéria verde para alimentação natural das espécies pecuárias em pastoreio. As sementeiras anuais de azevém ou de consociações, são retomadas essencialmente em novembro. No entanto, no final do mês, já tinha sido iniciada a preparação de alguns terrenos para a realização das sementeiras. A produção de forragens para silagem ou feno este ano foi bastante superior ao ano precedente devido à disponibilidade de água no solo, verificando-se um maior autoaprovisionamento de alimentação natural para os animais e um aumento de alimentos conservados, permitindo um maior equilíbrio na necessidade de suplementação com rações.

No **Médio Tejo** as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se em ótimas condições, com as plantas a entrar em novos ciclos vegetativos. Apresentavam uma boa rebentação, beneficiada pela precipitação ocorrida ao longo do mês.

Nos prados de regadio, neste momento sem rega, encontravam-se as plantas com muito vigor vegetativo e a responder muito bem ao repouso do pastoreio direto das espécies pecuárias.

Já se encontravam iniciadas as sementeiras de forragens anuais, nomeadamente azevém, estando as primeiras áreas semeadas em fase de germinação e até já com duas folhas (bastante adiantadas). Verificou-se um bom ritmo de crescimento das plantas, muito adiantadas e com muito vigor, tendo presentes as condições climáticas apropriadas na fase inicial de desenvolvimento vegetativo. As chuvas frequentes ocorridas ao longo do mês beneficiaram por um lado o desenvolvimento das



plantas mas por outro lado dificultaram a progressão das sementeiras, encontrando-se semeadas cerca de metade das áreas previstas.

As espécies pecuárias estão retiradas do pastoreio direto e encontravam-se a ser suplementadas separadamente com alimentos conservados e com alimentos concentrados em algumas espécies (bovinos).

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** durante o mês de outubro, o pasto existente foi suficiente para a alimentação das espécies pecuárias. Em virtude da precipitação ocorrida, estavam a decorrer as sementeiras de fenos e pastagens.

Na **Grande Lisboa** foi possível manter em pastoreio pleno os efetivos explorados em regime extensivo durante todo o mês, sem grande necessidade de suplementação alimentar.

Na **Península de Setúbal** a quantidade de alimento nos prados e pastagens aumentou ao longo deste mês, em consequência das condições climáticas resultantes da precipitação ocorrida e das temperaturas amenas, o que permitiu novamente a alimentação animal com recurso a pastagens naturais.



Preparativos para o próximo ano agrícola. Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras

No **Oeste** as sementeiras de cereais de outono-inverno irão decorrer no final de novembro e durante o mês de dezembro. Embora em alguns campos tenham sido efetuadas gradagens após a realização das colheitas, as lavouras serão efetuadas quase em simultâneo com as sementeiras, não se verificando ainda no mês de outubro atividade de preparação do próximo ano agrícola relativamente aos cereais de outono-inverno.

No **Médio Tejo** os preparativos para o próximo ano agrícola, encontravam-se um pouco atrasados face às condições climáticas adversas, em especial pela precipitação elevada e frequente verificada ao longo do mês.

No entanto, relativamente aos cereais praganosos de outono-inverno no final de outubro já tinham sido iniciadas as sementeiras de trigo. Relativamente a outros cereais praganosos, essencialmente de ciclos curtos, está prevista a preparação dos solos e início das sementeiras nos próximos meses de dezembro e janeiro.

Foram também iniciadas as sementeiras da cultura de colza.



Ao longo do mês iniciaram-se os trabalhos de preparação do solo e sementeiras das culturas forrageiras de outono-inverno, nomeadamente azevém, dificultadas no entanto pela precipitação ocorrida na região, encontrando-se no final de outubro semeada cerca de metade da área prevista.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** ainda não se iniciaram os preparativos para a próxima campanha agrícola.

Na **Grande Lisboa** tendo em conta o aumento do teor de água no solo, resultante da precipitação ocorrida, foi possível iniciar os trabalhos de mobilização devido ao aumento da permeabilidade, facilitando as necessárias intervenções.

Na **Península de Setúbal** a precipitação ocorrida permitiu que o teor de água no solo fosse favorável, em geral, à realização de trabalhos de preparação dos solos, com condições ótimas a nível de mobilização e com vista à instalação de pastagens, cobertura de montados, bem como sementeiras para corte e pastoreio, já iniciadas este mês.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas de uva de mesa, pomares de pomóideas, prunoídeas e olivais de azeitona para azeite: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha (uva de mesa) - No Oeste, no final do mês encontrava-se concluída a colheita das variedades mais tardias, com perdas significativas em algumas variedades devido à precipitação ocorrida. No entanto, a qualidade da produção foi razoável. Concluídas as últimas colheitas estima-se uma descida de produtividade média em cerca de 20% face ao ano anterior.

No Médio Tejo a vindima encontrava-se concluída. Em termos quantitativos, verificou-se um aumento de produção quando comparado com o ano anterior. Em termos qualitativos foram obtidas uvas de mesa com boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia deram-se por terminadas as colheitas. Houve perdas significativas (20%) na variedade Crimson Seedless devido à precipitação ocorrida. A qualidade foi razoável.

Na Grande Lisboa, deram-se por concluídas as colheitas, como a Crimson Seedless na qual se registaram perdas significativas devido à chuva. A qualidade da uva foi razoável. Prevê-se o início da poda para novembro.

Pomóideas - No Oeste a colheita de pera terminou na primeira semana de setembro e a de maçã no final de outubro, com a apanha das variedades mais tardias, Fuji e Candine. A produção de pera, conforme já referido no mês anterior, foi apenas ligeiramente superior à da campanha precedente,



mantendo-se, à semelhança dos anos anteriores, muito distante do potencial produtivo da região, devido essencialmente ao número insuficiente de horas de frio invernal para as necessidades da cultura, bem como à forte incidência do fogo bacteriano e da estenfiliose. A baixa produtividade verificada nos últimos anos, associada às alterações climáticas e aos problemas fitossanitários, preocupam o setor relativamente à viabilidade da cultura, tendo mesmo vindo a sofrer algum decréscimo de área.

Os frutos da campanha apresentam boa qualidade, com calibres superiores ao ano precedente, níveis de *brix* médio/baixo e mais carepa na pele, favorecendo melhor equilíbrio no sabor e maior resistência mecânica dos frutos. A campanha da maçã correu melhor do que o previsto inicialmente, estimando-se uma produtividade idêntica a um ano normal nos pomares em plena produção e uma produção global ligeiramente superior ao ano transato devido à entrada em produção de novos pomares, principalmente da variedade Fuji que tem vindo a ganhar expressão pela substituição de pomares de pera Rocha. A qualidade é boa, embora com calibres e *brix* ligeiramente inferiores ao ano anterior e com mais percentagem de frutos com menor coloração vermelha.

Na Grande Lisboa nesta fase a colheita da maçã e pera está concluída. Procedem-se a fertilizações de pós-colheita, enquanto as árvores ainda têm folhas. Apesar das condições meteorológicas terem sido favoráveis ao fogo bacteriano, têm-se feito tratamentos à base de cobre.

Olival - No Oeste a cultura tem uma expressão reduzida e caracteriza-se pela presença de olival tradicional no qual predomina a variedade Galega, com árvores dispersas e áreas de pequena dimensão, por vezes com a função de sebes ou extremas. O sistema intensivo ou semi-intensivo tem uma expressão muito reduzida na região, sendo utilizada a variedade Arbequina. No final do mês a colheita de azeitona encontrava-se praticamente concluída. Estima-se uma produtividade inferior ao ano precedente. Com a queda de flor causada pela precipitação ocorrida no final de abril e maio, houve uma diminuição do número de frutos. A forte presença de mosca da azeitona até à fase de colheita causou queda de frutos. A precipitação no mês de outubro provocou algum atraso na colheita e perdas de produção com queda de azeitona madura. A qualidade da azeitona é inferior ao ano anterior, por efeito da pressão da gafa e da mosca, mas estima-se que sejam semelhantes os parâmetros qualitativos do azeite. Estima-se ainda um menor rendimento de azeite devido ao aumento do teor de água na azeitona em resultado da precipitação verificada em outubro.

No Médio Tejo a cultura na sua generalidade encontrava-se no final do mês em fase inicial de colheita, tendo a precipitação elevada ocorrida na região dificultado o avanço pleno da colheita. Nesta fase, em especial nos olivais intensivos em termos quantitativos é mantida a estimativa de uma produtividade superior à obtida no ano anterior, contudo, considera-se ainda que a mesma pode estar sujeita a alguma variação. Em termos da extração de azeite, na azeitona já colhida verificaram-se baixos rendimentos, pelo facto da elevada precipitação ter contribuído para um teor de água mais alto no fruto (aumentou o peso total no cálculo do rendimento), assim como, uma maior dificuldade na extração do azeite. No geral, em termos qualitativos, verifica-se uma qualidade média da azeitona.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia devido às chuvas frequentes e intensas durante o mês, grande parte dos olivais tradicionais onde não foi colhida a azeitona logo no início, registou-se uma queda acentuada da produção e uma drástica alteração da qualidade, principalmente na variedade Galega.



Esperava-se uma produção significativa nestes olivais, mas muitos produtores ficaram sem produção.

Nos olivais intensivos e em sebe, quer pelo tipo de gestão (realização de tratamentos fitossanitários preventivos) quer pelas variedades mais tardias e resistentes, não houve grandes quebras de produção nem de qualidade do azeite.

Na Península de Setúbal o olival é sobretudo tradicional e de sequeiro, sendo a variedade Galega a que predomina. Uma vez que não existem lagares a laborar nesta zona, a azeitona colhida é transportada para lagares fora da região. A colheita iniciou-se em meados de outubro e deverá decorrer até meados de novembro. Estima-se que a quantidade de azeitona colhida na região seja muito inferior à da campanha anterior, sendo que as elevadas temperaturas que se verificaram no período do crescimento do fruto prejudicaram a produção. No entanto, a qualidade da azeitona colhida é muito boa e superior à da campanha anterior, bem como a qualidade do azeite produzido.

Figueiras - Na Grande Lisboa as figueiras encontravam-se em repouso vegetativo, verificando-se ataques de cochonilha nos tronquinhos para os quais se esperam resultados positivos de controlo com a poda a realizar em novembro.

Nogueiras - No Médio Tejo os pomares encontravam-se no final do mês com a colheita praticamente finalizada. Em termos quantitativos, nesta fase é estimada uma produtividade idêntica ao ano anterior, contudo, em termos de produção global será sempre superior ao ano anterior face à entrada de pomares em plena produção nesta campanha. Em termos qualitativos é aparente uma boa qualidade dos frutos, no entanto, ainda se aguarda uma avaliação da qualidade do miolo.

Amendoeiras - No Médio Tejo a colheita da amêndoa encontrava-se terminada. As amendoeiras estão nesta fase a acumular reservas. A produtividade foi menor do que a obtida no ano anterior. As amêndoas colhidas evidenciaram uma pior qualidade face ao ano anterior, justificada pela forte queda de granizo na fase inicial do desenvolvimento da cultura.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia terminaram as colheitas obtendo-se uma redução acentuada, sobretudo nos pomares mais velhos. A produção foi inferior relativamente ao ano anterior.



Culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão-de-Bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol: estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Milho de regadio - No Oeste a colheita de milho para grão encontrava-se praticamente concluída no final do mês. A precipitação atrasou as colheitas devido ao aumento de humidade no grão. Estima-se uma produtividade ligeiramente inferior à do ano anterior e uma qualidade idêntica. No que respeita ao milho forrageiro, as colheitas também se encontravam praticamente concluídas no final do mês, estimando-se uma produção melhor do que no ano anterior. Na fase de sementeira do milho para forragem, os níveis de água no solo permitiram um arranque da cultura com boa emergência e plantas vigorosas. Estima-se uma qualidade da produção idêntica ao ano precedente e uma produtividade média superior.

No Médio Tejo no final do mês a cultura de milho de regadio encontrava-se em colheita, ainda um pouco atrasada pelas condições climáticas ocorridas na região, em especial pela precipitação frequente que provocou algumas dificuldades no processo de colheita e pelo facto dos produtores esperarem que o grão secasse mais um pouco. No final do mês permaneciam por colher 15% das áreas ocupadas com a cultura. Nesta fase, contrariamente às previsões anteriores denotou-se uma evolução negativa na produtividade da cultura, estimando-se um ligeiro decréscimo face ao ano anterior. Em termos de qualidade do grão já colhido é refletida uma boa qualidade, embora com um teor de humidade mais alto que contribuirá para custos acrescidos na secagem.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, contrariamente ao estimado, existe uma diminuição de produtividade. Na campanha registaram-se alguns contratempos com as colheitas devido à precipitação ocorrida com alguma frequência. A qualidade apresentava-se dentro dos parâmetros normais.

Na Grande Lisboa no final do mês as plantas encontravam-se com desenvolvimento vegetativo normal, em fase de amadurecimento, ocorrendo o início da colheita. Prevê-se uma produtividade ligeiramente superior à da campanha anterior. As condições climáticas observadas resultaram num maior teor de humidade do produto, com os inerentes aumentos de custos na secagem. Tal como referido em relatório anterior, é de salientar os desafios económicos que a cultura atravessa quando comparados com outros estados-membros, sobretudo no que concerne ao custo de secagem do milho que noutros países atinge valores muito inferiores, por vezes cerca de metade relativamente ao que se pratica em Portugal.

Na Península de Setúbal, a colheita que se tinha iniciado no final de setembro, decorreu durante este mês com interrupções nos terrenos saturados de água, devido à precipitação ocorrida. Alguns produtores já concluíram as colheitas, sendo que os de maior dimensão ainda não terminaram, estando prevista a sua conclusão em novembro. A qualidade do grão foi em geral boa, mas inferior nas colheitas mais tardias. As condições não foram propícias à perda de humidade do grão, registando-se teores de humidade de cerca de 24% a 26%, quando o ideal seria colher com 19% a 20%. Considerando a necessidade de o teor de humidade no grão à saída do secador ser de 14,5%, com



vista ao seu posterior armazenamento, os custos de secagem tornam-se muito elevados com as condições da colheita que se estão a verificar nesta campanha.

Milho de sequeiro - No Oeste no final do mês a colheita encontrava-se praticamente concluída. Estima-se uma qualidade idêntica ao ano precedente e uma produtividade superior devido aos níveis de água no solo resultantes da precipitação ocorrida este ano.

Arroz - No Oeste houve atraso na colheita devido à precipitação, encontrando-se a mesma realizada apenas em cerca de 50% no final do mês. Estima-se uma produtividade semelhante ao ano precedente. Não foi possível a avaliação da qualidade e do rendimento industrial uma vez que a indústria ainda não emitiu o relatório de análise da produção.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, o estado vegetativo encontrava-se maioritariamente em maturação e grão maduro, no entanto, ainda existiam áreas na fase de grão pastoso, sementeiras mais tarde, no fim de junho e início de julho. A área ceifada situava-se entre 30% a 35%. O arroz apresentava boa qualidade.

Na Grande Lisboa decorreu a colheita dos arrozais, prevendo-se o término em novembro. Espera-se uma produtividade idêntica a um ano dito normal. As condições climáticas foram, em geral, favoráveis às searas de arroz, em termos de temperatura e humidade. Tal como referido no relatório anterior, assinalam-se preços difíceis de competir com outros países, tais como a Austrália e os Estados Unidos, sobretudo no que diz respeito ao arroz carolino cuja exportação para os países árabes é, atualmente e contrariamente a épocas anteriores, inexistente.

Na Península de Setúbal a ceifa iniciou-se a 19 de setembro na zona da Marateca e no final do mês de setembro na zona de Rio Frio, prevendo-se que termine em meados de novembro. A precipitação ocorrida ao longo deste mês prejudicou a ceifa, face à necessidade de efetuar paragens. Também a precipitação, aliada ao vento e à existência de grande quantidade de infestantes favoreceram a acama do cereal, o que dificultou a ceifa. Estima-se produtividade idêntica à da campanha anterior.

Grão-de-Bico - No Oeste a cultura foi colhida no início de setembro e apresentava boa qualidade. A produtividade média foi superior ao ano precedente.

No Médio Tejo a cultura instalada na primavera sofreu uma interrupção da colheita que chegou a ser iniciada em setembro, por ter sofrido um ataque de lagarta (*Helicoverpa armigera*) com intensidade muito forte, provocando danos significativos na cultura, sendo a única opção a não colheita, com uma perda total da produção. Já a produtividade obtida na primeira instalação de inverno da cultura foi muito boa e superior à verificada no ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, a colheita já tinha terminado em setembro.

Feijão (seco) - No Oeste a colheita encontrava-se concluída no início do mês. A produção apresenta boa qualidade e uma produtividade superior ao ano anterior.



Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, encontrava-se a ser colhido com muita dificuldade devido à precipitação ocorrida. A quantidade foi fraca, devido ao facto de ter ficado muito feijão no solo durante a colheita. A qualidade apresentava-se boa, livre de infestantes, manchas ou buracos.

Tomate para indústria - No Oeste a colheita encontrava-se concluída no início do mês. Mantém-se a informação avançada no mês anterior de uma produtividade inferior ao ano precedente e uma boa qualidade em termos de cor e *brix*, embora com calibres menores.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as colheitas terminaram no início do mês. A campanha decorreu com normalidade, mas registou uma quebra de produtividade relativamente ao ano anterior.

Na Grande Lisboa durante o mês concluiu-se a colheita. A chuva ocorrida contribuiu para um aceleração da maturação do fruto. Regista-se uma quebra de produtividade relativamente à campanha anterior, devida às chuvas e queda de granizo aquando da plantação, como referido em relatórios anteriores.

Na Península de Setúbal a colheita, que se tinha iniciado no princípio de agosto, terminou nos primeiros dias deste mês. A qualidade do tomate colhido foi média, inferior à da campanha anterior, devido às baixas temperaturas e à precipitação ocorrida em junho.

Girassol - Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a campanha já se encontrava concluída.

Na Grande Lisboa a cultura apresentava-se em fase de maturação e praticamente toda colhida, à exceção das sementeiras mais tardias. Como referido em relatórios anteriores, a baixa rentabilidade económica que se tem verificado na cultura em geral, levou a um decréscimo da área semeada de girassol para alimentação, situação que é inversamente proporcional à produção de girassol para semente, sendo esta comercializada a melhor preço para toda a União Europeia devido à sua elevada qualidade.



Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspectivas de comercialização

No Oeste a vindima ficou concluída nos primeiros dias do mês, estimando-se uma descida de produtividade face ao ano anterior, um pouco mais suave do que o projetado no início da colheita. Prevê-se a obtenção de graus alcoólicos médios/altos e uma qualidade fenólica do mosto um pouco inferior, associada às vinhas onde a podridão cinzenta se manteve acentuada até à vindima. No seguimento dos tratamentos pós-colheita realizados, iniciou-se a senescência das folhas, indicando o início do repouso vegetativo da cultura e a finalização do ciclo anual.

Em termos de vinificação estima-se um rendimento um pouco inferior a 2023 devido a alguma desidratação das uvas rececionadas. No final do mês estavam terminados os processos de fermentação na maior parte das adegas e a decorrerem as habituais operações de trasfega de vinho



(separação do vinho limpo do depósito ou borra), trabalhos de correções com sulfuroso e estabilizações microbiológicas, bem como estudo dos perfis do produto final. Em termos de qualidade do vinho, as graduações alcoólicas são boas, mas perspectiva-se uma qualidade final ligeiramente inferior devido às condicionantes fitossanitárias verificadas na vinha, com interferência essencialmente ao nível dos aromas. Não se perspectiva um ano favorável de comercialização. A tendência é de descida de preços e alguma dificuldade de escoamento da produção. Existem ainda volumes consideráveis de vinho da campanha anterior em *stock* nas adegas, que poderão causar problemas de armazenagem da produção deste ano. As adegas da região procuram cada vez mais no mercado externo, alternativas para escoamento da produção.

No Médio Tejo no final do mês a vindima encontrava-se concluída. Relativamente às vinhas mais atrasadas (uvas tintas) verificou-se na fase do amadurecimento dos bagos que as condições climatéricas não permitiram a maturação plena, situação esta que resultou numa quebra de produtividade na campanha, sendo assim, comparativamente inferior à obtida no ano anterior.

O funcionamento das adegas decorre dentro da normalidade, sem picos de laboração acrescidos, tendo em conta a indicação de uma menor produção obtida. São previstos alguns vinhos tintos com pouca qualidade, no entanto, ainda é um critério em avaliação face às diferenças de maturação dos bagos que ocorreram na campanha. No que respeita às perspectivas de comercialização, tendo em conta a situação de saturação do mercado, com excedente de *stocks* no setor vitivinícola, não se estimam condições favoráveis à comercialização do vinho.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a vindima decorreu dentro da normalidade, tendo iniciado no princípio de agosto e terminado a meados de setembro, verificando-se um decréscimo de produção face ao ano anterior. As uvas apresentavam boa qualidade, sendo esperados vinhos de boa qualidade.

Na Grande Lisboa as vindimas encontravam-se concluídas no mês de outubro. Em termos qualitativos, assistiu-se a alguma melhoria nos graus de álcool. Regista-se uma produtividade média semelhante a um ano normal. Verifica-se alguma preocupação no setor, em particular pelo avolumar dos *stocks* de vinho de anos anteriores.

Na Península de Setúbal a vindima, que se tinha iniciado em meados de agosto, terminou na primeira semana de outubro, com uva de qualidade média a elevada, no geral.

Conforme referido no relatório anterior, estima-se quebra de produção significativa, verificada essencialmente nas castas tintas.

Prevê-se um ano de muito boa qualidade de vinhos, em que os vinhos brancos se destacarão, consequência das condições climatéricas ocorridas nesta campanha, nomeadamente sem a existência de picos de calor e a ocorrência de maturações lentas.



A perspetiva de comercialização face à forma como o ano tem decorrido (com quebra de vendas face a 2023) não é muito animadora. O contexto geopolítico dá sinais de se complicar, o que poderá vir a ser negativo quer para as exportações (países terceiros) quer para o mercado interno (nacional e UE), por via de crescimentos económicos abaixo do previsto.

8 de novembro de 2024